

*Resenhas/  
Book Reviews*



## Quem me dera ser onda

RUI, Manuel. *Quem me dera ser onda*. Luanda, INALD, 1982.

Salma Ferraz\*  
Jonas Tenfen\*\*

A constituição, e grande parte da construção da nacionalidade, costuma ser intrinsecamente relacionada a uma guerra, uma revolução, onde as massas ganham a forma de exército, guerrilha, povo. Não se tratando sempre de outra nação, naturalmente: há muitos exemplos na história dessa formação de nacionalidade a partir da derrocada de uma classe, oligarquia, monarquia, um status quo. O Brasil costuma ser entendido pelos seus intérpretes como uma nação formada fora, por assim dizer, deste batismo de fogo e chumbo; e esta excepcionalidade é compensada de várias maneiras: seja pelo brado ou desejo de uma guerra que ainda virá (por exemplo, Paulo Prado, no seu Retrato do Brasil), seja por alternativas à ideia (a proposta de Gilberto Freire, por exemplo, iniciada em Casa-Grande e Senzala de uma análise arquitetônica da formação brasileira). Ressalta Freire que a Casa-grande é uma experiência única no mundo, “brasileirinha da silva”.

Nem sempre a consolidação da nacionalidade se apresenta como um desafio tão grande quanto à expulsão do outro – na temática deste texto, do colonizador. Uma vez conquistada a independência, é preciso conquistar o cotidiano, e este costuma ser subjugado pelas reiterações de hábitos dos colonizadores, pelos desvios de um programa que orientou a Revolução, pelos problemas de gestão que um País sempre possui (que para ser país é preciso ser reconhecido como tal e, não raro, é preciso pagar para isso: um capital que faz falta no período de (re)construção). Todos os países que nos anos 60-70 fizeram uma revolução socialista enfrentaram pelo menos um inimigo em comum: crises de abastecimento.

A novela *Quem me dera ser onda* se localiza, temporalmente, no início dos anos 80, em Angola: a Guerra de Independência acabou, mas o país continua sendo construído. O autor Manuel Rui figurou em coletâneas de escritores africanos publicadas no Brasil como poeta (como exemplo de uma dessas coletâneas, temos *Estórias Africanas: História e Antologia*, de Maria Aparecida Santilli, 1985): o sucesso gradativo de *Quem me dera...* foi, de certa forma, projetando uma carreira internacional do escritor primeiramente como romancista, depois como poeta. Carreira esta forjada juntamente com a nação angolana: participou Manuel Rui ativamente da luta pela independência, e é dele a letra do Hino Nacional de Angola - Avante Angola.

*Quem me dera ser onda* ganhou o Prêmio Caminho das Estrelas, promovido pelo INALD (Instituto Nacional do Livro e do Disco). Antes de iniciar a narrativa propriamente dita da novela, há uma Nota do Editor fazendo um comentário da atribuição do prêmio e da importância da obra. Esta Nota destaca o fato de que

Fustigando o comportamento pequeno-burguês, os seus vícios, o autor escarpaliza o <<modus operandi>> daqueles que aproveitando-se das carências que ainda temos, da falta de mecanismos de controle adequados, pretendem benefícios pessoais à custa do bem-estar das massas trabalhadores, lançando grãos de areia nas engrenagens de que o povo angolano dispõe para construir o socialismo.

A data da Nota é de Setembro de 1981, como assinatura apenas a sigla INALD: a ausência do nome do coordenador-geral do instituto é marca do espírito do tempo, pois não foi uma pessoa que atribuiu o prêmio, foi o Instituto, formado pelo povo que representa.

A novela inicia com Diogo trazendo um leitão para criar no seu apartamento no sétimo andar de um conjunto residencial. Já ao chegar à entrada do prédio onde mora, começam os duelos protocolares com o camarada Faustino. Este será um dos inimigos da presença (muito dissimulada) do leitão no prédio, uma afronta às leis e normas estabelecidas para o condomínio, uma afronta aos ideais da Revolução.

Ao chegar à casa naquele dia, Diogo, além de apresentar o novo morador do apartamento, traça com a família o plano para lidar com o leitão: as crianças (Ruca e Zeca) ficaram responsáveis por lavá-lo (com sabão brasileiro), limpar seus dejetos e buscar comida no lixo dos hotéis para tratá-lo; a Diogo e sua esposa Liloca caberia o trabalho de matá-lo e preparar a carne. Trabalho este que parecia ser o grande acalento de Diogo, quase uma ideia fixa. Naquela mesma noite, depois do jantar (peixe frito com arroz), as crianças deram o nome de Carnaval ao leitão, e o pai atalhou logo: “Acho bom, Ruca, pode ficar Carnaval. E no carnaval a gente mata e come. Com fiscal ou sem fiscal. O porco é nosso”.

Resolvidos, nessa distribuição de tarefas, todos os problemas da criação de Carnaval, à exceção de um: como fazê-lo ficar em silêncio. Nos primeiros momentos, o rádio ligado com o volume ao máximo foi alternativa paliativa, não demoraria muito para ter problemas com os vizinhos. Outros métodos foram tentados, como surras, dar açúcar, passar jindungo (pimenta) no focinho do leitão: todos os roncões e gritos voltavam cada vez mais fortes. Por fim, Diogo acabou adquirindo auscultadores, fones de ouvido, e com esparadrapos – à maneira de um curativo – pôs Carnaval a ouvir rádio, e este permaneceu como se estivesse anestesiado. “E, a partir deste dia, por inventiva de Diogo, <<carnaval da vitória>> passou a ser o ouvinte mais contínuo da rádio nacional. Noticiário, peça que nós transmitimos, programa para jovens, relatos de futebol e boa-noite Angola [...]” (pg. 34).

Sem televisão em casa (uma lembrança constante de Diogo é a de um dia comprar uma televisão para Liloca, da mesma forma que lápis-de-cor para os filhos) e agora sem rádio, Diogo passa a fazer muitas reflexões sobre o país e sobre Carnaval, enquanto espera o jantar depois de um longo dia de trabalho. Sobre o país, reclamava que faltava tudo, mas que havia de tudo na mesa dos burocratas, daqueles que controlam o abastecimento. Sobre Carnaval, ao vê-lo relaxado, bem nutrido, entretido e com toda a casa trabalhando para o seu bem-estar, dizia que estava o leitão a se aburguesar. Novamente, sobre o painel da promessa de uma fartura de carne, do sabor único de um porco criado longe do mar, “e com a mão no pescoço mostrava-se aos filhos na forma de como se corta uma goela – faca! É o fim de todos os burgueses.” (pg. 36)

Como era de se esperar, as crianças passam a ver no porco um animal de estimação, e, a cada lembrança de faca ou eliminação dos burgueses, sentiam o desespero lhes oprimindo o peito. Apesar de a guerra ter acabado, o dia-a-dia dos dois garotos se fazia de batalhas cotidianas. A escola foi para eles mais que uma conquista da revolução, é o caminho por onde os pioneiros poderão levar adiante os sonhos da revolução e o progresso de Angola. Mediante cobranças tão prementes, a infância vai ficando menor: espera-se muito dos garotos, de todos os garotos. No leitão, os dois irmãos, inconscientemente, ou antes, infantilmente, viram um mundo de brincadeiras sem pôr em risco a grandiosidade do destino do país.

Ruca e Zeca demonstravam ter um entendimento muito grande das relações sociais que se estabeleceram. Em um momento de encrenca ou para se livrarem de alguma situação causada direta ou indiretamente por Carnaval, apelavam sempre para uma instância superior. No dia

seguinte à chegada de Carnaval, um fiscal veio inspecionar a casa justamente quando estavam os dois sozinhos. Desobedeceram ao pai e abriram a porta. A solução foi inventar que o fiscal era na verdade um ladrão, e colocaram todos os moradores do prédio contra ele. Depois desse dia, Carnaval passou a se chamar Carnaval da Vitória.

Para acalmar os ânimos do pai sempre reclamando a pouca variedade de comida, conseguiram papel timbrado, levaram à cozinha do hotel Tropical (hotel este que servia, através de suas ligeiras, refeições ao Carnaval) e requisitaram carne, alegando ser para cães policiais do governo. Ao levarem-no para a escola, acabou fugindo. Para dispensar a multidão de donos do leitão, diziam que se tratava de um porco para o ministro (ao chegarem a casa neste dia, nenhuma instância superior impediu que eles fossem surrados pelo pai).

Quando o carnaval chegou, a morte de Carnaval era certa. Zeca e Ruca imaginaram todo o tipo de plano para tentar salvar o amigo. Em conversa com o vizinho e colega Beto, filho do camarada Faustino, surgiu a ideia que poderia ser derradeira: delatar a existência do animal sendo criado em apartamento. Após elogiar o comprometimento das crianças com a Revolução, o camarada Nazário (um dos fiscais do prédio) vai ao apartamento de Diogo e acaba sendo convidado para participar do churrasco, para fazer parte do carnaval. Nazário lembra de convidar também o camarada Faustino, e todas as questões legais ficam resolvidas pelo bem maior, o bom entendimento entre vizinhos. Enquanto isso, as crianças ficam olhando as vagas do mar.

A grande motivação de Diogo para criar o leitão sempre fora o seu sabor. Intentou em ter o Carnaval no apartamento sem comer espinhas de peixe e sem respirar o marvento, pois assim o leitão não iria “saber a mar”. A frequência do peixe frito com arroz distribuído pelo governo faz com que Diogo sinta em tudo o gosto do peixe, o gosto de um cotidiano esmagador pela total impossibilidade de mudança. Há também o detalhe da fartura: com tudo tão planejado, Diogo desejou comer a fartar, alegria essa que transbordou para o prédio inteiro em uma festa incomum. Liloca, em sussurro para as amigas convidadas, comenta: “Diogo é assim. Tanta coisa com o porco e se calha fica contente se os vizinhos lhe acabarem hoje com a carne.” (pg. 77)

Independentemente de qualquer “ismo” (socialismo, peixe-fritismo, tribalismo, capitalismo...), os personagens de *Quem me dera ser onda* são profundamente humanos, em seus desejos, atos e defeitos, mesmo que este caráter humano possa ser entendido / classificado como pequeno-burguês. As vicissitudes de ser pai, mãe e filho (em suma, as vicissitudes de um tipo específico de relação social, de contato) ganham contornos épicos mediante uma ponte que não poderá ser planejada em uma sociedade que exalta a planificação: para Diogo e (em menor grau) Liloca, Carnaval era carne apenas; para Ruca e Zeca, um amigo especial, um brinquedo, um episódio da infância. São estas (pequenas) tragédias que vão moldando no adulto a memória da infância que, apesar de poesia, está mais para inferno que paraíso; mas, concomitantemente, sempre carnaval.

## Notas explicativas

\* Professora do Centro de Comunicação e Expressão, UFSC.

\*\* Mestrando em Teoria Literária, UFSC.

<sup>1</sup> Apesar de existir uma edição, lançada no Brasil pela editora Gryphus, (MANUEL, Rui. *Quem me dera ser onda*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005) fizemos uso nessa resenha de uma edição angolana, de 1982.

